

4. AS MINORIAS RELIGIOSAS NO IRÃ

Para compreender o caso das minorias cristãs no Irã é preciso entender sua história. Torna-se necessário entender como a Pérsia se tornou o Irã, e se transformou de um país laico a um país Islâmico tornando sua nacionalidade e a identidade do seu povo intimamente relacionada à religião. Há necessidade de elucidar quais são os fatores que afetaram a relação Irã-Occidente a ponto de refletir na relação Irã-minorias cristãs. A história desse país é peça fundamental para montar esse quadro investigativo, através do qual poderemos responder muitas destas questões levantadas. O ponto central é a Revolução Islâmica, e para contextualizá-la iniciaremos o histórico do país através da dinastia Pahlevi, onde se iniciam os desdobramentos da Revolução que mudou o curso do país.

Antes da Revolução, o país convivia bem com sua vasta diversidade. E é por isso que a Revolução torna-se tão importante nesta análise, pois é o momento onde o país laico, com uma ampla variedade de culturas se torna um país religioso, teocrático, baseado em apenas uma religião que passa a ditar as novas regras. É neste momento que se formam as ameaças contra as outras religiões, incluindo os cristãos. Tudo isso será analisado no decorrer deste capítulo.

4.1 HISTÓRICO NO IRÃ

Veremos em diversos aspectos os desdobramentos dos principais marcos históricos do país que são necessários para esse estudo. Ou seja, a Revolução Islâmica. Como ela foi arquitetada, os fatos mais relevantes que culminaram na Revolução e as consequências geradas por ela. Todos esses aspectos para compreender como o Ocidente se torna algo repudiado pelo país, e a ligação que pode ter sido criada entre cristãos e Ocidente no Irã pós Revolução.

Antes da invasão árabe, o Irã conservava sua cultura persa e não era um país islâmico. A religião mais comum na antiga Pérsia era o Zoroastrismo. Com a invasão árabe, chega a religião islâmica que se torna posteriormente a mais popular no país. Com a onda islâmica, o Zoroastrismo passou a tornar-se cada vez mais insignificante. Ainda é possível encontrar seus fiéis no Irã, porém esse é um grupo minoritário no país atualmente.

4.1.1 O Islã e sua Mobilização Política

A religião islâmica chega ao Irã após a invasão árabe e ganha muitos adeptos, apesar do caráter nacionalista do povo iraniano. No Irã prevalece a vertente xiita do Islã para reafirmar o nacionalismo iraniano, pois a vertente sunita é a adotada majoritariamente pelos muçulmanos árabes, e os persas queriam afirmar suas diferenças com os árabes. (COGGIOLA, 2008, p.22) Atualmente o Irã é um forte foco de expansão do Islã para o mundo devido à Revolução Iraniana, conhecida por muitos como Revolução Islâmica, onde o regime teocrático foi estabelecido. Dessa forma o Irã foi visto pelo mundo muçulmano como um exemplo a ser seguido. As leis do Alcorão são severamente cumpridas no país, sendo mais um motivo para que o Irã seja uma espécie de “vitrine do Islã” para o mundo.

O Islã surge no século VII, quando Maomé começa a fazer pregações de cunho político-religioso. O comerciante, então aos 40 anos de idade, recebeu de Alá o *tanzil*, um conjunto de revelações entregues por Alá a ele (LEWIS, 1996,

p.60). Após receber tais revelações, Maomé foi apregoá-las inicialmente na Meca, mas após sofrer perseguições ele deixou a cidade e seguiu apregoando o Islã por onde passava. O criador da religião islâmica era é tido como descendente de Ismael, filho de Abraão (figura importante também para judeus e cristãos).

Os muçulmanos não têm Maomé como única fonte de suas crenças. Em seu livro “O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje” (1996), Bernard Lewis, apesar de muitos pensamentos controversos acerca do Islã é autor de diversos livros sobre o Oriente Médio e afirma que:

“Para eles Maomé era o Selo dos Profetas, o último de uma longa série de apóstolos divinamente escolhidos, cada um dos quais trouxera um livro de revelação. (...) Maomé era o último e maior de todos, e o livro que trouxe, o Alcorão, completava e substituíva todas as revelações anteriores.”

Jesus também é importante para os fiéis ao Islã, assim como vários outros profetas da Bíblia e da Torá, demonstrando que essas religiões possuem mais aspectos em comum do que muitos imaginam. (SAID, 2007, p.99) A diferença é que Maomé foi o escolhido por Deus para enviar novas ordens, sendo mais um profeta, porém o mais importante de todos. O Alcorão, que é a revelação de Deus para Maomé, para os muçulmanos, é mais importante que os livros dos outros profetas. (LEWIS, 1996, p.61) O grande profeta Maomé começa então a defender um regime teocrático para governar os países da península árabe, e a *jihad*, conhecida como guerra santa, para propagar a nova religião.

Aqui temos outro ponto interessante. É baseado no conceito errôneo de *jihad*¹ que muitos grupos radicais utilizam o Alcorão para justificar suas práticas de guerras, e leva o Ocidente a acusar o Islã de ser uma religião violenta. De fato o Alcorão é um livro que contém muitas suratas que incitam a guerra. Mas o que muitos autores e políticos ocidentais se esquecem é que o Velho Testamento da

¹ No alfabeto árabe, “guerra” se traduz como “harb”. Já a palavra “Almukads”, quer dizer “santa”. Portanto, para se ter a expressão “Guerra Santa”, em árabe, seria “Harb Almukads”, que não se encontra descrito nos textos islâmicos. Já a palavra “jihad”, quer dizer “esforço; empenho”. Portanto, segundo a crença islâmica, existem dois tipos de jihad: o jihad maior e o jihad menor. O jihad maior é à luta que o homem trava consigo mesmo no seu cotidiano, quando resiste às tentações e evita falhar. O segundo é o jihad menor, e este é mais abrangente, porque diz respeito ao nosso comportamento do homem perante seus semelhantes. Segundo Isabelle, a jihad menor somente pode ser usada no conflito armado caso a busca seja pela autodefesa, e só permitiram aos muçulmanos que se utilizassem da mesma após a Hégira. (Isabelle, 2007: 53).

Bíblia e a Torá são igualmente violentos. O Alcorão e a Bíblia possuem passagens referentes a guerras, e a aniquilação de inimigos. No Alcorão encontramos trechos como estes:

"Uma vez expirados os meses sagrados, matai os idólatras onde quer que encontreis e apanhai-os e tornai-os prisioneiros, e ficai a sua espreita; mas, se eles se convertem, se observam a oração, e concedem a esmola, então deixai -lhes livre o caminho, pois Deus é indulgente e misericordioso." Sura 9:5

Porém, para cristãos somente no Novo Testamento, com a vinda de Jesus a violência passa a ser condenada, e o amor ao próximo, inclusive aos inimigos, passa a ser pregado. A partir do Novo Testamento, os ensinamentos vão contra a prática do uso da força como forma de apresentar o cristianismo. Ao contrário, Jesus ensina seus seguidores a estarem dispostos a dar a “outra face” caso sejam injuriados. No Islã, muitos seguidores seguem acreditando que a melhor forma de expandir a religião é através da espada, como todas as religiões, encontramos também no Islã pessoas extremistas, embora seja necessário destacar que esse não corresponde ao pensamento de todos os fiéis.

Dentro da religião islâmica encontramos duas vertentes: a xiita e a sunita. Essa divisão acontece por discordâncias acerca da descendência de Maomé. Os sunitas acreditam que Muhammad Maomé é o sucessor direto de Maomé e representam a grande maioria dos muçulmanos - cerca de 90 por cento. Os xiitas acreditam que o sucessor de Maomé é Ali, seu genro. (KAMEL, 2007, p.96) Eles encontram-se principalmente no Irã, e representam cerca de 10 por cento dos religiosos globalmente.

Para os xiitas quando um governo está no poder de forma esclarecida, ou seja, de maneira legítima, sem fraudes, é dever do súdito obedecê-la. Porém podem se rebelar contra lideranças que não tenham honra, que tiverem perdido sua *farr* (uma benção recebida por aqueles que têm bom comportamento moral). Através desse pensamento os iranianos tiveram apoio espiritual para se rebelarem contra governos corruptos como do Xá. Esse conceito foi anexado pelos xiitas e advém da antiga religião do Irã, o Zoroastrismo. Com esse acréscimo, vemos mais uma vez uma maneira dos iranianos tentarem dar ao Islã características mais

relacionadas com seu povo e sua história Não há uma divisão clara entre religião e política no país, ambas estão entrelaçadas. (KINZER, 2007, p.37)

Para que as normas do Alcorão sejam seguidas de fato, existe dentro do Islã uma Lei Santa, a *Shari'a*. Essa lei foi formalizada após os tempos do profeta e serve para guiar um muçulmano para que ele permaneça fiel. Nela estão explícitos modelos a serem seguidos pelos muçulmanos tanto na sociedade quanto em casa. O fiel que segue a *Shari'a* à risca, está, na verdade, se preparando melhor para a vida eterna. Quando um Estado é teocrático e islâmico, a Lei Santa passa a ser imposta à seus cidadãos pelo governo. (LEWIS, 1996, p.200) Temos aqui uma grande diferença entre os governos no Ocidente, onde a política prevalece acima da religião.

Na constituição iraniana, baseada nas leis islâmicas, o artigo 23 afirma que ninguém deve ser perturbado por possuir determinada crença. Esse artigo, entre alguns outros, assegura aos cidadãos iranianos que apesar da base islâmica da constituição, todos possuem o direito a crença preservados. Enquanto o Alcorão afirma que não se deve ser amigo de judeus ou cristãos:

“Ó fiéis, não tomeis por amigos os judeus nem os cristãos; que sejam amigos entre si. Porém, quem dentre vós os tomar por amigos, certamente será um deles; e Deus não encaminha os iníquos” - Alcorão, Sura 5:51.

Para melhor elucidar a religião é preciso apresentar ainda o fundamentalismo islâmico. Além da divisão entre *sunitas* e *xiitas*, podemos observar hoje uma diferenciação entre grupos islâmicos radicais e não-radicais. O termo fundamentalismo faz-nos crer que estes são os fiéis que buscam a religião na sua forma mais pura, ou seja, que seguem o Alcorão e *Shari'a* de forma exemplar, mas isso não pode ser considerado uma verdade absoluta. (KAMEL, 2007, p.162)

Ao trocarmos o termo fundamentalismo por fanatismo, no caso de alguns grupos, seria mais fácil entender a interpretação que tais grupos fazem das suas leis. É evidente que a religião não é o único impulsionador desses grupos radicais, mas as condições econômicas, políticas e sociais também influenciam muito. Alguns grupos radicais interpretam o Alcorão de forma que favoreça sua visão

política e aplicam seus ensinamentos de formas brutais nas sociedades onde possuem poder. É importante salientar que grupos radicais não são encontrados apenas na religião islâmica, existem grupos radicais inclusive no cristianismo que também distorcem o conteúdo da Bíblia para alcançar seus objetivos.

“O que os chamados fundamentalistas islâmicos fazem é dar ao Alcorão uma interpretação radical. É, portanto, justamente o contrário: cientes de que, diante da revelação escrita, interpretações múltiplas são possíveis, depois de interpretá-la de uma maneira radical, o que eles fazem é decretar que a visão deles é a única possível” (KAMEL, 2007, p.172).

4.1.2 O Islã no Irã

A religião islâmica chega à antiga Pérsia em torno do ano 1501. Isso ocorre quando Ismail (que viria a ser o primeiro Xá iraniano) obtêm o controle do território persa, declarando que a religião que prevaleceria seria a religião islâmica, mais precisamente a vertente xiita. Ismail se nomeou Xá, e sua dinastia, Safávida, governou até 1722. (COGGIOLA, 2008, p.24) Neste início do Islã no país, a maior parte do povo era sunita. No período da dinastia Pahlevi, o Estado iraniano possuía um regime laico. Reza Khan Pahlevi chegou a proibir manifestações religiosas. O uso do véu pelas mulheres, por exemplo, chegou a ser proibido. Essa dinastia possuía tendências ocidentais, logo, um regime teocrático não condizia com o ocidentalismo adotado pelo governo. Seu sucessor Reza Pahlevi, seguiu seus passos. Há relatos de que esse gastava fortunas com bebidas e festas, o que não condiz com a postura de um mulçumano. Além disso, o governo dos Pahlevi possuía altos índices de corrupção, o que não é tolerado no Islã. (GORDON, 1987, p.31)

O período da dinastia Pahlevi também é um ponto crucial para essa pesquisa. Neste período, a tentativa de ocidentalizar o país trouxe um certo repúdio ao Ocidente por parte da maioria da população muçulmana. Eles eram líderes corruptos, festeiros, beberrões, e acima de tudo, “amigos do Ocidente”, logo essa foi a imagem ocidental construída para a população iraniana. Os

muçulmanos estavam sendo privados de sua liberdade religiosa, quando suas mulheres, por exemplo, eram proibidas de utilizar o véu. Isso significava que elas não saíam de suas casas. Assim o Ocidente foi apresentado a eles, como invasivo e desrespeitoso. A imagem iraniana do Ocidente, em parte foi construída negativamente no período da dinastia Pahlevi.

Quando Mossadegh chega ao poder, o regime de governo do Irã continua sendo laico. A diferença é que com Mossadegh como primeiro-ministro, a população tem mais liberdade para praticar suas crenças, não havendo suspensão das liberdades individuais, como a de uma mulher mulçumana poder utilizar véu², por exemplo.

O retorno de Reza Pahlevi ao poder significou para o povo o retorno da suspensão de suas liberdades, principalmente religiosas. O Xá retornou ao poder, ainda mais próximo do Ocidente. (KINZER, 2004, p.217) Seu principal desejo era a industrialização do Irã a qualquer custo. De diversas maneiras o Xá tentava diminuir a presença do Islã dentro do país e a influência que a religião exercia sobre os cidadãos. Ele exaltava conquistas da civilização persa, quando o Islã ainda não havia chegado ao país, banindo o calendário islâmico, lunar, que foi substituído por um calendário solar.

Com sua vida desregrada, com bebidas e mulheres, o Xá tornava-se ainda mais desprezado pelos religiosos. Reza Pahlevi chegou a proibir o uso de véu, como anteriormente Reza Khan fez. As mulheres mulçumanas passaram a ficar trancafiadas dentro de casa para não saírem sem o véu. Tantas medidas drásticas como essa, fizeram com que o povo, e principalmente líderes religiosos ficassem contra o governo do Xá. (GORDON, 1987, p.63)

O Irã então vivenciou um longo período onde o governo era laico. Não havia uma religião no comando do país e embora a grande maioria da população fosse mulçumana, a forma do regime não era. Mas o regime laico estava por chegar ao fim com a Revolução Iraniana, ou Revolução Islâmica. Para entendermos os desdobramentos que levaram a esta Revolução, precisamos analisar o histórico político. Iniciando na dinastia Pahlevi, onde surgem sinais de uma população insatisfeita que futuramente fariam parte da Revolução.

² Existem variados tipos de véu, por este motivo outros vocabulários também podem ser encontrados como xador, jibab, burca, entre outros. (Revista Aventuras na História, 2010, p.34)

4.1.3 Política no Irã

Assim como muitos países do Oriente Médio, o Irã sofreu diversas invasões estrangeiras, que deixaram marcas no país presentes até hoje, principalmente por conta de sua posição geográfica, que era uma rota estratégica para o comércio por ficar entre Ásia e Europa (WEIL, 2007, p.130). Os árabes são responsáveis por algumas dessas invasões, sobretudo, a última bem sucedida. E por serem islâmicos, tentaram converter os países invadidos ao Islã. Por sua posição geográfica o Irã, quando ainda era chamado de Pérsia, foi cobiçado durante muitos anos, e com a exploração do petróleo no país, a cobiça aumentava ainda mais. A partir do século VII, o Irã foi anexado ao Império Árabe. (COGGIOLA, 1998, p.22) Porém, o Islã iraniano possuía um perfil diferente do restante do mundo mulçumano. Os persas adotaram a forma *xiita* do Islã, contrariando seus invasores árabes, que eram em sua maioria *sunitas*. Esta foi a maneira encontrada pela população de afirmar o seu nacionalismo. Os iranianos também não adotaram a língua árabe e permaneceram com seu idioma, o farsi ou persa.

A dinastia Pahlevi teve seu início com o golpe militar contra a dinastia Qajar, onde Reza Khan proclamou-se Xá do Irã em 25 de abril de 1926. (KINZER, 2004, p.58) Este golpe foi realizado pelo próprio futuro xá e obteve o apoio do governo britânico, que visava ter mais influência dentro do Irã, e via em Reza Khan uma oportunidade de ter indiretamente poder sobre o país. Além disso, a Grã-Bretanha buscava um governo no Irã que fizesse oposição à expansão da revolução soviética na Rússia. Em 1935, Reza Khan altera o nome do país, que de Pérsia passa a ser chamado de Irã. O governo do Xá Reza Pahlevi (Reza Khan), foi marcado por corrupção. O golpe foi apoiado pela Grã-Bretanha, deixando claro mais uma vez a presença Ocidental no país, dando suporte a um governo que não era apoiado pelo povo, e por isso Reza Pahlevi sabia da dívida que possuía com os britânicos, e ao mesmo tempo, tentava diminuir a participação britânica no país, pois seu interesse era que o Irã fosse uma potência nos moldes ocidentais, porém sem perder suas características. Esse governo também foi marcado pela

prática da censura e repressão ao povo, pois para manter-se no poder o Xá muitas vezes recorreu ao terror. (COGGIOLA, 2008, p.34)

“Desde então a bandeira verde do profeta foi obrigada a encolher-se, dando lugar à crescente cupidez imperialista dos europeus, desejosos de controlar as terras árabes, bebendo-lhes o petróleo e outras riquezas.” (SCHILLING, 2006, p.13)

Entretanto, por se submeter ao modelo ocidental buscando intensificar a industrialização, o Irã experimentou uma modernização na década de 1930. O Estado iraniano já vinha recebendo investimentos estrangeiros anteriores ao governo do Xá, o que foi acentuado neste governo, pois Reza Pahlevi colaborou com a intensa industrialização do país. O Estado iraniano foi se tornando dependente dos países ocidentais, pois passou a importar máquinas e exportar matéria-prima. (AL BAIAN, Abril de 2010, p.4)

O Xá também era simpático ao nazismo e com o início da Segunda Guerra Mundial, os Aliados ficaram apreensivos quanto a essa simpatia. Por ser o Irã um Estado geograficamente estratégico, a URSS temeu que ao se aliar aos nazistas o território iraniano pudesse servir para que os países do Eixo viessem a atacá-los. Além disso, a Grã-Bretanha temeu perder sua principal fonte de abastecimento de petróleo. Assim, os britânicos obrigaram o Irã a apoiar os Aliados. Contrário à postura britânica o Xá abdicou de seu trono em favor de seu filho, Mohamed Reza Pahlevi. (COGGIOLA, 2009, p.35)

Como visto anteriormente, o período da dinastia Pahlevi é de suma importância neste estudo, pois é nesse período que o Irã se aproxima de Ocidente, se torna dependente dele, no que tange aos assuntos petrolíferos, e restringe a liberdade religiosa dos muçulmanos. A partir deste ponto a população iraniana constrói sua noção de Ocidente, que é nocivo, desrespeitoso, explorador entre outros aspectos, todos relacionados aos governos dos Xás que buscavam aproximação com o Ocidente.

No ano de 1941, aos 21 anos, Mohamed Reza inicia seu governo. Neste período, o Irã continuava subordinado ao Ocidente, fazendo com que movimentos nacionalistas crescessem no país, e a popularidade e carisma do novo Xá diminuíssem cada vez mais. Talvez por ser jovem, Mohamed não dava

importância devida à opinião pública e gastava dinheiro com carros importados, festas e viagens internacionais. (KINZER, 2004, p.80/81)

O *Tudeh*, era um partido iraniano em prol das massas, que ganhou visibilidade neste período, e conseguiu levar alguns de seus líderes para o *Majlis* (parlamento). (COGGIOLA, 2008, p.37) Por ser um partido de oposição, o Xá ficou apreensivo com a popularidade que o partido ganhava. Neste mesmo período, o país atravessava momentos conturbados, devido a concessões feitas aos britânicos sobre a exploração do petróleo. Por serem extremamente nacionalistas, os iranianos não estavam satisfeitos com a exploração do petróleo feita pelos britânicos, e o prestígio do Xá diminuía. A população torna-se mais corajosa para resistir. Surgem partidos, sindicatos, e a Frente Nacional, que era um grupo em busca da democracia e do nacionalismo iraniano, cujo líder era Mohammed Mossadegh. (KINZER, 2004, p.90)

A Frente Nacional ganhou força, e Mossadegh foi eleito para o *Majlis*. Mossadegh era extremamente nacionalista e lutou contra a exploração britânica. Seu papel foi fundamental para nacionalizar a empresa britânica Anglo-Iranian Oil Company, tornando-se assim, um grande líder popular, atingindo diversas classes sociais e culturais. Dessa maneira, Mossadegh conseguiu chegar ao poder sendo nomeado pelo *Majlis* como Primeiro-Ministro. (KINZER, 2004, p.101) A luta de Mossadegh era contra o imperialismo do ocidente. Ele era contrário a presença de países estrangeiros que influenciavam a política e cultura do Irã. Era um homem eloquente e apaixonado pelo país. Seus discursos eram sempre carregados de emoção.

“Se fosse bom para o povo trazer prosperidade ao país por meio do trabalho de outras nações, todas as nações convidariam estrangeiros para entrar em sua casa. Se a submissão fosse benéfica, nenhum país submisso teria tentado se libertar com guerras sangrentas e enormes perdas”. Palavras de Mohamed Mossadegh. (KINZER, 2010, p.76).

Mossadegh era o oposto a dinastia Pahlevi, e por isso conquistava cada vez mais a simpatia da população. Sua principal intenção era romper com o Ocidente e fazer do Irã um país rico por valorizar sua cultura, e não por se moldar

aos ocidentais. Este foi um período de liberdade religiosa, não apenas para muçulmanos, mas todas as minorias religiosas puderam experimentar esse direito. Ou seja, apesar de seguidor do Islã, Mossadegh deu aos cidadãos o direito de professarem suas crenças em liberdade no país. Este foi seu maior triunfo. Seu governo não durou muito, pois as potências estrangeiras não ficaram satisfeitas em perder o mercado iraniano.

Com a nacionalização do petróleo no Irã, em 1953, a Grã-Bretanha inicia um bloqueio econômico ao país. (KINZER, 2004, p.130) Com o intuito de conseguir maior influência na região em tempos de Guerra Fria, enquanto a URSS começa a comprar o petróleo iraniano para compensar o boicote. Mas para que a empresa petrolífera, agora iraniana, continuasse funcionando, eram necessários técnicos e pessoas capazes de conduzi-la. O embargo feito pela Grã-Bretanha também impedia que investimentos chegassem de outros lugares. Devido à escassez de profissionais qualificados para as tarefas desempenhadas pela petrolífera, o Irã para de produzir petróleo. Com isso vem a pobreza, diminuindo a popularidade de Mossadegh. (COGGIOLA, 2008, p.39)

Ao descobrir que os britânicos estavam armando um golpe para tirá-lo do poder, Mossadegh cortou relações diplomáticas com a Grã-Bretanha e obrigou os britânicos presentes no Irã a deixarem o país. Essa atitude faz com que os EUA comecem a mediar o conflito entre os dois países. (COGGIOLA, 2008, p.38) Governo e população iraniana possuíam razões suficientes para desconfiarem dos países ocidentais. É importante frisar que durante esse período Reza Pahlevi, estava fora do Irã.

Insatisfeitos com as atitudes tomadas pelo governo iraniano, os britânicos começam a arquitetar um golpe para que Mossadegh fosse deposto e o próximo governante fosse mais favorável às causas ocidentais. Para garantir a eficácia desse golpe, a Grã-Bretanha se aliou à CIA para sua elaboração e execução. Os dois países já tinham em mente quem seria o próximo líder do país: o general Fazlollah Zahedi. (COGGIOLA, 2008, p.41)

Enquanto americanos e britânicos elaboravam e estudavam planos para a realização do golpe, dentro do Irã a instabilidade crescia, pois os britânicos corromperam agentes iranianos para tornar o país mais caótico. Quanto maior o caos, mais fácil seria para os britânicos e americanos tirar Mossadegh do poder.

A engenharia do golpe era bem simples: agentes comprados pelos britânicos continuariam a espalhar o caos e sutilmente infiltrariam na população opiniões contrárias à Mossadegh. Neste ponto observamos mais uma vez a influência da potência estrangeira nos assuntos internos do país. Zahedi subornaria oficiais e políticos para apoiarem o golpe e no dia do desse haveria uma passeata, que seria financiada pela CIA, pedindo que Mossadegh fosse deposto do cargo. Para isso, o *Majlis* votaria contra o primeiro-ministro e oficiais do exército estariam a postos, caso houvesse alguma relutância de Mossadegh. (COGGIOLA, 2008, p.41)

Neste período a população foi diversas vezes as ruas para se manifestar contra Mossadegh, que era constantemente bombardeado pela mídia, fazendo sua popularidade diminuir ainda mais. Tudo isso era manipulado pela CIA. A primeira tentativa do golpe não funcionou, por isso seria necessário uma segunda tentativa o mais rápido possível, (KINZER, 2004, p.163) tendo em vista que muitas informações vazaram.

Eram tempos iniciais de Guerra Fria e o presidente norte-americano Eisenhower acabou convencido pelo escritório da CIA em Teerã que o Irã estava cada vez mais próximo dos soviéticos. O líder da CIA no Irã era Kermit Roosevelt (neto do antigo presidente americano Theodore Roosevelt) que foi quem pagou para que arruaceiros se dissessem comunistas e a favor de Mossadegh, assim o povo começou a achar que precisava de um líder mais firme. (COGGIOLA, 2008, p.40)

Em mais uma revolta organizada por Roosevelt, os manifestantes tomaram uma rádio e afirmaram que Mossadegh havia sido deposto e que em breve o Xá, que estava fora do Irã, voltaria para governar o país. Mas tudo isso era mentira. Os manifestantes nem haviam chegado à casa de Mossadegh. Cerca de trezentas pessoas morreram nas manifestações que ocorreram devido ao golpe. (KINZER, 2010, p.201)

Com as declarações de deposição de Mossadegh, não demorou muito para que os manifestantes chegassem à casa do líder fazendo com que ele se rendesse ao general Zahedi. (KINZER, 2004, p.201) Foi Zahedi que assumiu o posto de primeiro-ministro e noticiou ao Xá, que estava na Europa, sobre a deposição de Mossadegh, dizendo que o povo estava ansioso por sua volta. O novo primeiro-

ministro também iniciou repressões a manifestações populares e, em uma rádio fez ameaças a Mossadegh, pedindo que ele se entregasse as autoridades.

No mesmo dia em que Mossadegh se rendeu ao general Zahedi, o Xá retornou ao país. Toda a mobilização para tornar possível esse golpe foi chamada de Operação Ajax e assim que Reza Pahlevi retorna ao Irã, ele se encontra com Zahedi e Roosevelt para comemorarem o sucesso da operação no Irã. Após isso, Roosevelt poderia deixar o escritório da CIA em Teerã e retornar aos EUA, pois sua missão tinha chegado ao fim. (COGGIOLA, 2008, p.41)

Mais uma vez, o governo fica nas mãos de um Pahlevi. Ao retomar o poder o novo Xá resolveu mudar sua forma de governar. Reza Pahlevi acreditava que havia sido generoso com o povo no seu primeiro governo, porém as coisas não seriam mais como antes. Neste novo governo, o Xá se tornaria um ditador. Acabou com o poder do parlamento e o Irã passa a não ser mais regido pela monarquia constitucional. Enquanto isso, Mossadegh foi julgado por crime de traição. A pena foi estabelecida pelo próprio Xá: três anos na cadeia e prisão domiciliar perpétua. (KINZER, 2004, p.201)

Para o Xá ficou a tarefa de solucionar o problema da empresa petrolífera. Porém, nem tudo foi definido exatamente da maneira que os britânicos gostariam. Não seria possível que a Companhia Nacional Iraniana fosse devolvida por inteiro para o grupo da Grã-Bretanha, pois sua imagem não era boa no país e isso poderia causar mais revoltas. Por seu apoio à Operação Ajax, os EUA também não queriam sair do Irã sem levar alguma vantagem. A solução adotada foi que a Anglo-Iranian deteria 40 por cento da empresa, vendendo os 60 restantes para cinco empresas americanas, uma francesa e outra holandesa. Porém o nome *Companhia Nacional Iraniana* seria mantido, embora o país não tivesse mais poder sobre a empresa. Os lucros foram divididos em 50 por cento com o Irã. (KINZER, 2004, p.217)

Após o golpe, o desejo do Xá era que o Irã se tornasse uma potência mundial. Para isso começou a investir em armamentos. Além disso, foi criada a SAVAK (polícia política) treinada pela CIA e pela *Mossad* (o serviço secreto de Israel) para que seus agentes aprendessem a obter informações e até torturarem se necessário. (COGGIOLA, 2008, p.44) Na década de 1960 iniciam-se os protestos contra o regime ditatorial do Xá. A população que antes era governada por

Mossadegh, a favor da democracia, agora se via presa em um regime autoritário e nada democrático. Neste período algumas revoltas culminaram em greves, mas foram contidas sempre pela SAVAK.

Episódios como as manifestações levaram o Xá a elaborar seu projeto mais audacioso, a Revolução Branca. Esta “revolução”, também conhecida como Revolução do Xá, era um plano de metas que estava em voga nos países subdesenvolvidos para promover o crescimento. Tinha metas como a reforma agrária, criação de exércitos, venda de ações das indústrias iranianas para países estrangeiros, entre outras. Reza Pahlevi alegava que essa “revolução” seria para impulsionar o crescimento econômico do país, o que na verdade não aconteceu, pois somente a elite acabou sendo beneficiada. A grande meta era tornar o Irã uma potência mundial. (COGGIOLA, 2008, p.45)

Também na década de 1960 é criada a *Organização dos Países Exportadores de Petróleo*, a OPEP, na Conferência de Bagdá em setembro de 1960. O objetivo da OPEP é organizar as políticas petrolíferas entre os maiores exportadores de petróleo. O Irã foi um dos países que formaram esse cartel junto com Arábia Saudita, Venezuela, Iraque e Kuwait. Em 1973 a guerra do Yom Kippur, entre Israel e os países árabes fez com que a OPEP aumentasse o preço do petróleo nos primeiros meses e logo após fizesse um segundo reajuste.

Com o preço do petróleo ainda alto, o Irã continuava recebendo grandes quantias de dinheiro. Com a meta de transformar o país em uma potência, metade do dinheiro que chegava ao Irã era gasto com investimentos no setor militar. A outra metade servia aos interesses do Xá. Reza Pahlevi gastava milhões para satisfazer seus desejos pessoais, organizando grandes festas, comprando carros de luxo e coisas do gênero enquanto a população vivia uma realidade diferente. Havia fome, desemprego e principalmente um abismo crescente entre as classes sociais. (COGGIOLA, 2008, p.59)

O governo iraniano investia tanto dinheiro na compra de equipamentos militares, que algumas vezes o Xá foi convocado pelos EUA para explicar os gastos no setor militar. Apesar disso o Xá investia cada vez mais na área de defesa e realmente chegou a obter o poderio militar que desejava. O que ficou claro foi que todo esse poder bélico não servia apenas para que o Irã fosse uma potência, ou para se defender de um eventual ataque, mas todo esse armamento também

servia na repressão que o governo fazia contra as manifestações populares. (KINZER, 2004, p.217)

O Xá se tornava mais odiado ao longo do tempo do ponto de vista da população. As manifestações continuavam ocorrendo apesar da severa repressão. Os religiosos do país também estavam insatisfeitos, pois o Xá não seguia o Alcorão, bebia, jogava, tinha relações sexuais fora do casamento e era um governante corrupto. Assim, o movimento popular foi crescendo, assim como as greves de trabalhadores de diversos setores que acabaram por levar à deposição do monarca. (COGGIOLA, 2008, p.67/68)

Um dos locais onde os religiosos podiam se manifestar era a Ulemá, uma comunidade que reunia estudiosos da lei islâmica, e muitas vezes fizeram protestos contra atitudes do Xá que fossem contrárias a essas leis. Esse grupo possui uma história de ativismo social participando constantemente de manifestações em favor da população, sendo que o Aiatolá Khomeini fazia parte do grupo e era um líder da oposição contra o governo do Xá. Khomeini recebeu o título de *aiatolá*, que significa “o mais alto conhecedor da lei islâmica”, na década de 1950. (GORDON, 1987, p.39) Em 1964, o Xá pediu sua prisão e logo após seu exílio, pois Khomeini representava uma ameaça ao seu poder no Irã, por sua popularidade. Após a decretação do exílio de Khomeini, as manifestações contra o Xá cresceram ainda mais, e por contê-las com violência, o governo foi responsável por muitas mortes.

A relação com os americanos estava estremecida, pois o Irã comprava muitas armas, o que preocupava o governo dos EUA. Em 1977, Jimmy Carter, presidente americano, pressionou o Irã a fazer concessões ou embargaria o suprimento iraniano de armas. O governo iraniano cedeu à pressão e libertou alguns presos políticos, diminuiu a censura e reformou o sistema judicial. Com essa atitude, os protestos foram aumentando, pois seus manifestantes tinham mais liberdade para fazê-los. (COGGIOLA, 2008, p.73)

No ano de 1978, o número de protestos cresceu e, em dezembro, aproximadamente dois milhões de pessoas invadiram as ruas de Teerã para se manifestarem contra o Xá. A SAVAK não era mais forte o suficiente para controlar o povo, pois o número de manifestantes era crescente. O Xá tentou reformar a constituição para torná-la mais branda, mas já era tarde. O povo já era a favor de

Khomeini, pois mesmo exilado, o *aiatolá* tinha uma grande influência sobre a população. Em janeiro de 1979, após as pressões da população e do governo americano, o Xá saiu do poder e foi forçado a abandonar o país. (COGGIOLA, 2008, p.69)

Khomeini retornou do exílio para o Irã quando o regime de Reza Pahlevi estava no fim. (COGGIOLA, 2008, p.74) O novo governo rompeu relações diplomáticas com vários países e a embaixada americana em Teerã foi invadida como forma de represália aos EUA que abrigavam em seu país o antigo ditador iraniano, Reza Pahlevi. A relação com os americanos não era boa e com a Guerra Irã-Iraque se tornou mais difícil, pois foi com o apoio americano que o Iraque invadiu o Irã. Khomeini permanecia forte, queria que Hussein saísse da frente do governo iraquiano e não admitia as intervenções dos outros Estados. “*O governo islâmico do Irã não pode sentar-se à mesa de paz com um governo que não tem fé no Islã e na humanidade. O Islã não permite a paz entre nós, entre um muçulmano e um infiel*” (GORDON, 1987, p.88). E em alguns trechos do Alcorão é possível comprovar isso: “*Combatei-os [os não muçulmanos] e Deus os punirá através das vossas mão, cobri-os de vergonha*” (Sura 9:14)

A partir do governo de Khomeini o Irã não seria mais um Estado laico, mas passariam, a vigorar leis baseadas no Alcorão e a religião islâmica seria a religião do país. Apesar de ser um país islâmico, a liberdade religiosa deve ser respeitada, segundo as leis.

4.1.4. Fundação da República Islâmica

Os cidadãos estavam descontentes com o governo do Xá após a deposição de Mossadegh. Diante da pobreza generalizada, a população era obrigada a assistir a riqueza da pequena elite, enquanto suas condições sociais declinavam. As manifestações e greves eram constantes e à medida que crescia a desigualdade, os protestos aumentavam. A população estava descontente com a tentativa de ocidentalizar o país.

Em 1977, houve uma nova onda de lutas pelos operários e neste mesmo período surgia um movimento que passou a se organizar nas mesquitas. O Irã a essa altura era o segundo maior exportador de petróleo do mundo. Contudo, toda a renda proveniente do comércio deste ia para as mãos de apenas 45 famílias que concentravam 85 por cento da renda nacional. (COGGIOLA, 2008, p.65)

Ali Chariati, foi um guia espiritual que influenciou os líderes xiitas a compreenderem que estes deveriam se apoiar na juventude do país e fazer dela a força mobilizadora contra o Xá. Para que a corrupção do regime do Xá fosse exposta, os bancários e funcionários públicos tiveram um papel fundamental trazendo à tona os números da corrupção do regime. Os números eram impressionantes e a população se revoltava cada vez mais. Cerca de quatrocentos bancos foram queimados, como uma resposta das massas, após a exposição da corrupção. (COGGIOLA, 2008, p.70).

Em dezembro de 1978, ocorre mais uma greve, a dos trabalhadores do petróleo que deixaram de produzir cerca de 6,5 milhões de barris. Sem poder recorrer à imprensa, partidos políticos ou entidades estudantis, os iranianos buscaram um único lugar onde permanecia aberto, apesar da repressão da ditadura: as 80 mil mesquitas existentes no Irã. E assim era feita a comunicação. Quando os *aiatolás* davam alguma. (COGGIOLA, 2008, p.72)

O exército começou a se desintegrar. Conforme as manifestações cresciam, os soldados se recusavam a atirar em manifestantes. Muitos desertaram e a essa altura, as esperanças da população estavam ligadas a Khomeini. Em janeiro de 1979 o Xá deixa o Irã e o governo é transferido para Chapour Bakhtiar, advogado que pertencia a Frente Nacional. Em fevereiro de 1979, o *aiatolá* retorna ao Irã e, ao descer do avião, se depara com cerca de 150 jornalistas e placas como: “Derrubemos o regime faraônico” e “A nação mulçumana do Irã aceita de todo coração o Conselho Revolucionário Islâmico feito pelo grande líder”. (COGGIOLA, 2008, p.74)

O governo do Xá, antes e depois de Mossadegh teve um papel fundamental na construção da imagem do Ocidente que os iranianos possuem atualmente. Os Pahlevi, tanto pai como filho, possuíam uma ligação direta com o Ocidente e toda exploração que isto envolvia. Além do fato de que eram governos ditatoriais extremamente fechados a possibilidade de existir no país uma

diversidade religiosa que incluísse o Islã. O Islã, representava o oposto aos moldes ocidentais e por isso era descartado. Dessa forma o Ocidente foi sendo construído como intolerante acima de tudo, e boa parte dessa imagem deve ser atribuída aos anos que os Pahlevi governaram.

O *Aiatolá* Khomeini deixa claro o seu papel na revolução: proclamar uma República Islâmica. Assumindo uma postura radicalmente oposta ao Xá. Os onze dias em que Khomeini estava de volta em Teerã foram suficientes para que o movimento ganhasse força e contorno definitivo de um assalto ao poder, recebendo o apoio de líderes religiosos, da Frente Nacional, das igrejas sírias e armênicas, além dos islâmicos xiitas.

Ao fazer seu primeiro discurso após o retorno ao Irã, Khomeini depois de participar de uma carreata, chega à Praça dos Mártires, critica o governo do primeiro-ministro iraniano, Chapour Bakhtiar, afirmando que o mesmo é ilegal. Após tal discurso, o Parlamento ameaça prender Bakhtiar caso este não renunciasse ao cargo. (GORDON, 1987, p.73)

O sábado 10 de fevereiro, foi sangrento na capital do Irã. Ao longo do dia, multidões fizeram investidas contra delegacias, quartéis, e diversos pontos que remetessem à monarquia. E após a insurreição dos dias 10 e 11 de fevereiro, a vitória era do povo que sabia que a partir de agora o poder estava em suas mãos, mas não sabia como se organizaria para administrá-lo.

Este foi um período histórico para o país. A *SAVAK* e os *Majlis*, assembleia de deputados que estava sustentando o regime anterior, foram dissolvidos, assim como o exército. Assim, de uma hora para outra, com o sucesso da revolução, todo o sistema político-militar do Irã tinha ruído. A vitória do povo contra um exército com armas e treinamento americanos, trouxe para o Irã a confiança das sociedades islâmicas. (COGGIOLA, 2008, p.80)

A permanência do *aiatolá* Khomeini no Irã é a prova de que a revolução funcionou. Houve um governo provisório de fevereiro a novembro de 1979, chefiado por Mehdi Bazargan, que era um dos grandes líderes da Frente Nacional, e foi designado ao posto por Khomeini. Durante esse período a constituição foi formulada e ratificada e apesar das alegações de universalismo do Islã por teólogos, estudiosos e pelo próprio *aiatolá*, o artigo 12 da constituição iraniana de

1979 declara o Irã como um país xiita. Esse foi um assunto bastante debatido na Assembleia que foi responsável por fazer a constituição. Uma minoria sunita foi contra, mas de fato o Irã se tornou um país islâmico xiita. (SANASARIAN, 2000, p.17)

Em dezembro de 1981, a *Shari'a*, a Lei Islâmica, passa a vigorar no território iraniano e o país se torna teocrático. (COGGIOLA, 2008, p.85) As mudanças no país são das mais diversas. A partir da instituição da *Shari'a*, as mulheres foram obrigadas a usar o véu quando estivessem na rua. Também eram proibidos beijos e manifestações afetivas entre homens e mulheres em locais públicos, principalmente entre os não-casados. As demais religiões passaram a ter seus próprios tribunais e os cristãos e judeus adquiriram o direito de possuir representantes na Assembleia do país. Entretanto, a política internacional iraniana era contra o Estado sionista.

Neste ponto a história do Irã muda de curso por completo. Um país vindo de uma ditadura extremamente laica, que coibia manifestações religiosas como o uso do véu, passa a ser um país islâmico, onde tais manifestações não são apenas permitidas, como também obrigatórias a todos os cidadãos, inclusive os não muçulmanos. Tudo que é proibido no Islã, passa a ser proibido no país, e dessa forma, o dia a dia dos iranianos muda completamente após a Revolução Islâmica.

Deve-se levar em consideração que o longo caminho que levou o Irã a ser um país teocrático não foi apenas longo, mas também difícil. No Irã, apesar da grande parte da população ser islâmica, ainda havia muitos que lutavam por um regime laico. Durante muito tempo essa questão foi discutida na Assembléia iraniana. No governo provisório de Mehdi Bazargan, uma disputa surdina foi travada entre o clero xiita e a ala “laica”.

No final de 1979, Bazargan, responsável por construir as instituições da república islâmica, renunciou o cargo de Primeiro-Ministro, pois se dizia incapaz de duelar com a esquerda armada, os guardas islâmicos e as dificuldades econômicas, ao mesmo tempo. Em abril de 1979, Khomeini obteve uma vitória arrebatadora no referendo onde o povo deveria votar: República Islâmica “sim” ou “não”. (COGGIOLA, 2008, p.86)

4.1.5. Do Pós-Revolução ao Irã de Hoje

Em 1981 a grande presença do clero na política iraniana, consolidava a República Islâmica. Movimentos de oposição, como o feminista, intelectuais de esquerda, partidos democráticos e socialistas, comunidades religiosas rivais passaram a ser reprimidos. A lei islâmica estava acima da lei secular. Para enfraquecer tais grupos, os aiatolás Khamenei e Mussavi assumiram a presidência e a chefia do governo. Khamenei é eleito presidente e se torna Líder Supremo do Irã após a morte de Khomeini em 1989.

Inicialmente, o projeto da República Islâmica conferia a um Imã ou a um líder espiritual o poder de governar, pois eles governariam mediante a lei islâmica. Os aiatolás não poderiam interferir. O que de fato não ocorreu. Tanto Khomeini como Khamenei atribuíram-se poderes absolutos, significando que os poderes que eram eleitos se submetiam aos não eleitos. (COGGIOLA, 2008, p.96)

Durante os anos 1980, o Irã viveu um período de guerra contra o Iraque por questões políticas e territoriais. (TAKEYH, 2006, p.26) O Iraque recebia ajuda dos EUA e da Arábia Saudita, enquanto o Irã era apoiado pela Síria e Líbia. A Guerra que teve início em 1980 quando Saddam Hussein, presidente do Iraque, revogou um acordo com o Irã, e durou até 1988. A ONU exigiu um cessar fogo que foi aceito pelo Iraque, mas não pelo Irã. O Conselho de Segurança da ONU intensificou as negociações, e a paz foi restabelecida em julho de 1988.

Em 1989 com a morte de Khomeini, o presidente Ali Khamenei assume o posto de Líder Supremo e Ali Akbar Hashemi Rafsanjani se torna o sucessor de Khamenei na presidência do Irã. (TAKEYH, 2006, p.32) O Irã havia atravessado períodos conturbados com a Guerra Irã-Iraque. A situação iraniana mudava a cada instante. O novo presidente, Rafsanjani, (TAKEYH, 2006, p.39) procurou uma reaproximação com os americanos e europeus em 1993, e é considerado mais moderado que o extremista Khomeini.

Por vender estatais iranianas, colocar parentes em cargos de importância e por se tornar aliado do Ocidente, Rafsanjani perdeu as eleições de 1997 para o reformista Mohammed Khatami, e seu governo foi marcado pela corrupção.

Khatami também tentou uma aproximação com o Ocidente, e as liberdades individuais eram realidade no Irã.

Contudo, o governo de Khatami trouxe para o Irã conflitos entre conservadores e reformistas, que inicialmente eram evidenciados pela oposição entre o Líder Supremo religioso, *Aiatolá* Khamenei, e o presidente reformista Khatami, eleito com 70% dos votos. Khatami ganhava a simpatia do povo e foi reeleito em 2001 com 77% dos votos. Isso demonstrava que a população não estava de acordo com o regime teocrático islâmico. Mas cada medida liberal de Khatami, os religiosos respondiam com repressão. (COGGIOLA, 2008, p.111)

Em junho de 2005, chega ao poder o atual presidente Mahmoud Ahmadinejad. (TAKEYH, 2006, p.95) Essas eleições foram vistas como a volta da linha dura islâmica ao Irã. O ex-militar Ahmadinejad, considerado como ultraconservador, obteve 61% dos votos, contra 31% de Rafsanjani, o ex-presidente iraniano. Ahmadinejad é um homem muito religioso, e seus constantes comentários hostis aos judeus e americanos fazem com que o presidente iraniano desperte a atenção de diversos países como EUA, Israel, Reino Unido, Alemanha e França.

Ahadinejad é a figura que representa o país atualmente. Como histórico político, o atual presidente era militante no grupo que fazia oposição ao Xá e a favor de Khomeini, que viria a implantar a teocracia no país. Em 2006, como presidente, Ahmadinejad fechou alguns jornais como *Sharq* que era reformista e considerado por muitos como pró-ocidente, para fortalecer o governo do clero.

O presidente foi alvo da mídia internacional por diversas vezes, devido a suas citações polêmicas. Em 2007, por exemplo, em entrevista à rede americana ABC, Ahmadinejad pôs em dúvida a real dimensão do holocausto sofrido pelos judeus na época da II Guerra Mundial.

Outro ponto polêmico é a política de desenvolvimento de energia nuclear. O presidente possui uma postura enérgica ao defender o programa nuclear iraniano. A partir de março de 2006, o Irã foi considerado como um grande perigo perante os estrategistas americanos pelo seu programa atômico. (COGGIOLA, 2008, p.123) Países ao redor do mundo inclusive a ONU já tentaram negociar com o presidente sobre a questão nuclear em vão. E em diversas ocasiões o presidente

usa discursos como o trecho descrito abaixo. "*O Irã tem o domínio completo da tecnologia nuclear. Nenhuma potência pode impedir a nação iraniana de usar a energia nuclear*" (G1, notícias, abril de 2010).

Apesar de polêmico, Ahmadinejad concorreu novamente à presidência do Irã em 2009 e foi reeleito. Apesar das denúncias de fraudes eleitorais, Ahmadinejad foi reeleito ainda no primeiro turno. Logo após o resultado das eleições, milhares de manifestantes saíram às ruas para protestar. A população estava desconfiada do resultado por diversos indícios como: cédulas contadas à mão em um período relativamente curto de tempo, parciais que apontavam a vitória de Ahmadinejad em todas as regiões – o que é bastante incomum – entre outros. Porém, estes protestos logo ficaram na memória, pois a Guarda Revolucionária conteve os manifestantes após os primeiros dias de manifestação. (Folha OnLine, junho de 2009)

Após a inquietação da população, o Líder Supremo do Irã, Ali Khamenei fez um pronunciamento, dizendo que fraudar cerca de 11 milhões de votos é impossível, e que o povo escolheu seu presidente. Ele reiterou que a votação foi definitiva, sendo assim, não cabe anulação, que era pedida pela oposição. Khamenei também fez acusações contra os “inimigos do Irã”, fazendo referência àqueles que procuram derrubar o governo Islâmico.

Não é possível saber se houve um silencioso golpe de estado apoiado pela Guarda Revolucionária, ou se as eleições foram limpas, sem fraudes. O fato é que as manifestações foram contidas, assim como a voz da oposição. O país continua a ser regido pelo regime teocrático, e pela lei Islâmica, a *Shari'a*. Desde a posse de Ahmadinejad a relação do Irã com o Ocidente ficou mais instável.

4.2 O PROCESSO DE ISLAMIZAÇÃO DO IRÃ

Os fundadores da República Islâmica foram os primeiros ativistas político-religiosos que assumiram um Estado no estilo ocidental autoritário e o transformaram em uma teocracia. Uma vez no controle do país, foi introduzido o

projeto de re-islamizar a população. O regime teocrático foi imposto e a população foi “islamizada”, logo a República Islâmica do Irã se diverge de outras Repúblicas Teocráticas, pois o Irã era um Estado laico e mudou suas diretrizes para ser o Estado teocrático que é hoje. Persuasão, educação, propaganda, intimidação, prisão, tortura e execução foram os meios para alcançar as metas da re-islamização. Neste país teocrático, as regras acabam por violar o direito do cidadão à liberdade de pensamento, consciência e de professar outra religião que não seja a islâmica. (AFSHARI, 2001, p.83)

Por ser um processo imposto à população, tudo foi ensinado, e a população foi sendo pressionada a se adaptar ao novo estilo de vida do país. De maneira coerciva o governo mostrava a forma correta de agir e pensar. O Ocidente se tornou um inimigo a ser combatido dentro das fronteiras iranianas. Ou seja, comportamentos ocidentais eram proibidos, pois as leis em vigor eram islâmicas e opostas em muitos sentidos ao pensamento ocidental.

O processo de islamização não ocorreu apenas nas cidades do Irã. Uma vez que o clero chegou ao poder e o monopolizou, a força para impor a islamização dentro dos presídios foi decisiva e brutal, pois ao contrário do ambiente urbano, dentro das penitenciárias, onde todos são constantemente vigiados e suas atitudes são reguladas, não existem fatores que possam atenuar o impacto desse processo. Nos meses que antecederam a revolução, antes que o governo fosse regido por clérigos de maneira teocrática, os presos políticos eram livres das regras vigorosas da islamização. Não eram livres de suas penas nem possuíam regalias, apenas lhes eram conservadas as liberdades de pensamento, consciência e religião. (AFSHARI, 2001, p.86)

Nas penitenciárias, assim como na sociedade, o eixo de unidade da islamização foi a aparição de mulheres trajando adequadamente seu *hijab* (trajes islâmicos como o véu). Com a institucionalização da República Islâmica, todas as mulheres, mesmo as que não eram muçumanas, foram obrigadas a trajarem *hijab* ao saírem de suas casas. Em algumas penitenciárias as mulheres foram obrigadas a utilizarem o *chador* preto, um véu que cobre o corpo inteiro, deixando apenas os olhos à mostra, o que é típico no Irã. O desejo das autoridades era de que as penitenciárias funcionassem como uma comunidade islâmica perfeitamente integrada, como uma tentativa de iludir a sociedade. Eles não aceitavam a

utilização de um *chador* mais casual, que geralmente era uma mistura de branco, cinza e preto, que é usado pela maioria das mulheres tradicionais. Este *chador* casual não era suficiente para testemunhar o comprometimento com a religião que estas mulheres encarceradas deveriam ter. (AFSHARI, 2001, p.93)

Enquanto a rotina de execuções e torturas fazia novas vítimas, os alto-falantes das prisões propagavam orações o mais alto possível. Muitas famílias modernas da classe média iraniana foram obrigadas a suportarem o barulho desses alto-falantes, por residirem nas proximidades do presídio, sem poderem falar sobre essa desagradável experiência. Quando os repórteres ocidentais tiveram a oportunidade de voltar a Teerã na década seguinte, ouviram reclamações com frequência sobre a abundância de transmissões da “tristeza ritualizada”, (orações e ritos islâmicos) pela televisão iraniana, que possuía apenas duas estações. (AFSHARI, 2001, p.95)

A politização do Islã e sua mistura com o aparelho repressivo do Estado, tragicamente fez com que alguns muçulmanos não pudessem ser mais considerados muçulmanos. Ao cometerem crimes políticos, eles perdiam o direito de serem muçulmanos assim como suas famílias. Em alguns casos, os promotores informavam a família sobre a execução apenas após os quarenta dias de luto que os islâmicos têm o costume de fazer. Assim, os membros da família não tinham permissão para lamentarem sobre as sepulturas de seus entes executados.

A população iraniana foi obrigada a assistir a canais de televisão controlados pelo governo, assim como estações de rádio. Eles não possuíam muitos dos seus direitos assegurados por lei. Até mesmo muçulmanos eram questionados a respeito de sua fé e muitas vezes impedidos de serem chamados de muçulmanos. O regime teocrático iraniano controlava tudo e quem fizesse oposição ao mesmo corria o risco de ser preso, torturado ou morto.

O processo de islamização da população iraniana caminhava lado a lado com o processo de desocidentalização no país. Uma das maneiras mais eficazes de acabar com a presença de valores ocidentais no país, era islamizar seus cidadãos. Dessa forma, eles estariam mais distantes do mundo ocidental, e mais apegados a sua nação. Tendo em vista que política e religião caminham juntos na República Islâmica.

Os países islâmicos, como o Irã, são governados pelas leis de Deus. A lei islâmica em seu caráter e sua natureza e os preceitos divinos da *Shari'a* são provas adicionais da necessidade que se tem de estabelecer um governo, pois essas leis foram criadas para criar um Estado e administra-lo em todas as suas formas: política, econômica, social e cultural (Ridgeon, 2005, p.204) . Por isso, em teoria, se preocupa com questões humanas, valores morais, éticos e sua política também envolve questões religiosas. Em contrapartida, os países ocidentais empenham suas energias para conquistar seus objetivos. A meta é ter cada vez mais poder. É dessa forma que o Irã percebe uma das principais diferenças entre os países Islâmicos e os países Ocidentais e isso fica evidente em seus discursos. O presidente iraniano já chegou a declarar que o materialismo ocidental é “demoníaco”, e culpou os países do Ocidente pelos grandes males e por esquecer a “verdadeira natureza humana” (Notícias Terra, dezembro de 2012).

Antes de se tornar uma República Islâmica o Irã era um país muito pluralista, de cultura rica e variada, com a presença de diversas etnias e tradições. Apesar da maioria xiita, o Islã não era lei, as mulheres não eram obrigadas a usar o véu entre uma série de outras restrições. Ao contrário, no período de Mohamed Reza, anterior a Revolução, as minorias religiosas viveram um período sem restrições no campo religioso e com diminuição da discriminação. (O'Mahony and Loosley, 2008, p.180) Esses grupos chegaram a experimentar doses de liberdade como nunca antes.

A Revolução Iraniana em 1979 mudou o curso do país, e de forma rígida torna a religião como a principal fonte de resposta para todas as perguntas. Igrejas sofreram e passaram a se tornar locais inseguros (O'Mahony and Loosley, 2008, p.181) E o Ocidente passa a ser um dos principais inimigos por querer promover valores universais, impondo sua cultura aos países do Oriente. A partir da revolução a República Islâmica do Irã não deveria ter interferências ocidentais. Suas leis, suas condutas, sua cultura, tudo deveria refletir a religião islâmica.

A Revolução Islâmica leva o país de um extremo oposto a outro. No governo dos Xás o importante transformar o Irã numa potência nos moldes ocidentais. Após a Revolução, o país além de teocrático passa a repudiar toda e qualquer influência estrangeira, principalmente de cunho ocidental.

4.3 DIREITOS HUMANOS E O IRÃ

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* surge em 1948 e é a primeira declaração sobre direitos humanos de cunho internacional e nela estão enumerados os direitos que todos os seres humanos deveriam ter. Esta declaração, da qual o Irã faz parte, serviu como base para a criação de outros dois tratados de direitos humanos: *Tratado Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos* e *Tratado Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*. O Irã é membro-parte de ambos. (FRIDMAN, KAYE, 2007, p.3)

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* foi criada para proteger a vida com dignidade e igualdade no Estado moderno. Apesar de ter sido criada no Ocidente, suas bases pertencem a uma visão moral que é resultado de acumuladas experiências em lidar com os abusos do Estado moderno e das economias de mercado. (AFSHARI, 2001, p.10)

Os defensores de direitos humanos possuem grandes desafios e a soberania dos Estados pode ser considerada o maior deles, pois Estados soberanos podem controlar as leis de seu território sem a interferência estrangeira. Além da soberania, uma questão muito discutida atualmente é se os direitos humanos são imposições do modelo Ocidental ao resto do mundo, o que traria certa relatividade dos direitos humanos. Essa relatividade ocorre, pois o significado de direitos humanos para um país, pode não ser o mesmo para outro.

O Islã, como outras religiões antigas, incluindo o cristianismo, cujo passado inclui uma densa história de repressões e perseguições, agora pode sacrificar a vida do indivíduo em prol da defesa não apenas do Estado, mas do Islã, principalmente se este indivíduo for um incrédulo do Islã. Com a Revolução de 1979, o Estado iraniano passa a ser teocrático, fazendo com que milhares de iranianos sofram violações a direitos humanos de diversos tipos, apesar do Irã fazer parte de tratados sobre direitos humanos, como vimos no capítulo anterior.

O grande número de execuções de militares e de funcionários públicos nos primeiros dias da Revolução de 1979 revelou o temperamento vingativo dos clérigos em determinado momento. Os clérigos xiitas também acreditavam que

receberam a chance dada por Deus para se livrarem da “depravada seita Baha’i” (um dos grupos minoritários), ou forçá-los de volta ao xiismo. Politicamente, a maior repressão ocorreu quando os clérigos restringiram severamente as bases da liberdade e do direito para ativistas políticos. Quando eles estabeleceram o sistema jurídico Islâmico, as organizações seculares e de esquerda estavam mais próximas de serem aniquiladas.

O fim violento da Revolução Iraniana deixou um rastro de sangue dentro e fora das prisões. A revolução foi poderosa o suficiente para causar estragos e instaurar o caos, mas não poderosa o suficiente para alterar a natureza do Estado contemporâneo ou o hábito secular dos iranianos. Muitos iranianos simplesmente não eram a favor da República Islâmica, o que tornava mais difícil a mudança de hábitos da população iraniana. (AFSHARI, 2001, p.23)

Desde que Mahmoud Ahmadinejad se tornou presidente do Irã no ano de 2005, a situação dos direitos humanos no país tem piorado de maneira drástica, sendo que as violações se tornaram sistemáticas no período. Após os resultados das eleições de 2009, torturas, detenções e prisões, se tornaram parte do cotidiano da população iraniana, que protestam contra as eleições que o povo considera fraudulenta.

As acusações de fraude na eleição que tornou Ahmadinejad o presidente do Irã pela segunda vez, fez com que o povo se revoltasse e saísse às ruas para se manifestar. Desses manifestos surgem os resultados de mortes e torturas. Durante o curto período entre a eleição de 2009 em junho e a posse do presidente reeleito em agosto, 115 pessoas foram executadas. Um relatório da Anistia Internacional revelou que, no primeiro semestre de 2009, já havia 196 execuções realizadas no país, e em novembro do mesmo ano esses números já atingiam a marca de 359. A questão dos direitos humanos no Irã vem se agravando cada dia mais. (Estadão, agosto de 2010) O país é recordista em número de execuções e enforcamentos públicos. O número de execuções que chegava a 86 no ano de 2005 subiu para 346 em 2008. E isso é um dos agravantes na relação do Irã com os países Ocidentais.

Este saldo de execuções, torturas e outros, não são apenas para militantes contrários ao governo de Ahmadinejad. O governo iraniano criou uma atmosfera ameaçadora para os grupos minoritários cristãos no país, isso pode estar

relacionado a relação não muito amistosa que o Irã possui com países ocidentais e vice versa. Aprisionamento, perseguição, intimidação e discriminação governamentais baseadas no fator religioso são cotidianas. Ainda no governo de Ahmadinejad, surge um novo projeto de lei para o Código Penal, que é aprovado com a maioria dos votos dos *Majlis*. A lei prevê a pena de morte para qualquer pessoa do sexo masculino que renunciar a fé Islâmica, e prisão perpétua, se a pessoa for do sexo feminino. Essa lei é chamada de Lei da Apostasia. (Estadão, janeiro de 2011)

Um tempo após o surgimento desta lei, a União Europeia emitiu uma declaração ao Irã para expressar suas preocupações sobre a deterioração da liberdade religiosa. Esta declaração também expressava a preocupação com a prisão de membros de religiões minoritárias no país:

“A UE está profundamente perturbada por detenções [...] de iranianos convertidos ao cristianismo [...]. Ela clama por sua imediata e incondicional libertação e a cessação de todas as formas de violência e discriminação contra eles.” (Declaração da União Europeia)

No Irã, grande parte dos abusos mais graves, como tortura e execuções, são perpetrados por instituições governamentais. Em 2005, uma resolução da Assembleia Geral da ONU citou uma lista de indivíduos que o governo iraniano tem observado suas ações. Entre eles estão: defensores de direitos humanos, membros de ONGs, opositores políticos, opositores religiosos, entre outros. Eles são observados e perseguidos ou por apresentarem alguma ameaça ao governo através da oposição, ou por tentarem promover direitos humanos dentro do país. (FRIDMAN, KAYE, 2007, p.4)

Porém, a questão dos direitos humanos no Irã torna-se mais complexa na medida em que a questão cultural entra em cena. Muitas vezes os parlamentares veem os direitos humanos universais, como expressão de valores éticos da cultura ocidental e examinam atentamente todos os direitos civis e políticos baseados nos direitos humanos, cuja introdução no país possa exigir mudanças na tradição e cultura local. A República Islâmica do Irã alega que deve haver um excepcionalismo cultural ao se falar de questões de direitos humanos no país, eles

apelam para os relativistas que defendem o mesmo, como visto no capítulo sobre Direitos Humanos. (AFSHARI, 2001, p.3)

Autoridades do Irã aproveitaram a oportunidade criada pelos debates sobre a universalidade versus relativismo dos direitos humanos para contestar o consenso normativo universal que se formou ao redor da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O desafio central que a República Islâmica apresentou é que a religião – neste caso, o Islã – é o princípio supremo cultural, mais importante do que qualquer construção ética baseada na legitimidade. Para o Irã, após a instauração do regime teocrático, o Islã está acima de tudo: leis, cultura, outras religiões, entre outros. (AFSHARI, 2001, p.4)

Dr. Hossein Mehrpur era um leigo que foi designado pelo Poder Judiciário do Irã para contrabalançar as acusações de violações de direitos humanos na ONU no início dos anos 1990, baseado nos ensinamentos do aiatolá Morteza Motahhari, ou seja, Mehrpur defenderia a posição iraniana. Para Mehrpur, o verdadeiro sentido da existência do ser humano consistia na adoração de Deus e na observância de suas regras. Mehrpur acusou a ONU de ser indiferente aos valores religiosos: “A Comissão de Direitos Humanos assim como outros órgãos das Nações Unidas, não leva em consideração os valores religiosos, pode-se até dizer que se realiza baseado em uma série de pretextos, uma luta contra crenças e valores religiosos.” (AFSHARI, 2001, p.5) ³

São argumentos como este, levantado por Mehrpur que fundamentam o argumento dos relativistas. Os direitos humanos, como outros valores ocidentais não se preocupam em considerar todo o contexto do local. No Irã, a religião é parte inseparável da sua política, por isso possui tamanha relevância. Ao impor valores opostos ao islamismo, o Ocidente impõem que o país abdique de seus costumes em favor dos valores ocidentais.

O ex-presidente do Irã, Khatami, apesar de reformista, possuía uma visão similar aos clérigos que controlavam os instrumentos de poder do Estado. Ele também concordava com Mehrpur ao dizer que o processo de islamização inculcou *taqwa* (virtude e piedade) antes de conceder liberdade aos cidadãos. Mais uma vez, a liberdade é vista como um conceito ocidental, onde o direito é

³ Tradução livre do discurso de Mehrpur.

algo natural e não passa por uma reformulação baseada em conceitos religiosos, como no caso iraniano. A noção de liberdade do Ocidente, não possui virtude e piedade, assim, os Islâmicos acreditam serem moralmente mais elevados por possuírem a *taqwa*.

A *Shari'a* deveria ser uma lei capaz de atender as necessidades do Estado iraniano. Porém, estudiosos como o iraniano Asghar Schirazi, afirmam que ao estudar a Constituição iraniana é possível notar suas limitações para reger um Estado contemporâneo, pois a *Shari'a* precisaria de alterações para se adaptar a modernidade. Schirazi mostrou que no primeiro encontro dos *Majlis* (parlamento iraniano) ficou claro que devido a sua antiguidade a *Shari'a* não fornecia soluções para regular a maioria dos problemas de um Estado moderno. (AFSHARI, 2001, p.19)

A situação no Irã não mudou muito nos dias de hoje. Após as eleições de junho de 2009, mais de 100 jornalistas e *bloggers* foram presos. Cerca de 65 deles ainda permanecem detidos. Devido a essa etapa pós-eleição, o Irã foi apontado como um inimigo da liberdade de expressão. Os jornalistas que fazem oposição ao governo continuam a ser encarcerados e sofrem torturas e perseguições por parte do mesmo. Muitos jornais já foram fechados neste período após a eleição de Ahmadinejad. Desde o primeiro governo de Ahmadinejad em 2005, nenhum funcionário do Conselho dos Direitos Humanos da ONU recebeu autorização para entrar no Irã e investigar as violações de liberdade de expressão no país (Uol Notícias, setembro de 2010).

Em um ranking feito pelos Repórteres Sem Fronteiras (Organização Internacional que defende jornalistas perseguidos ao redor do mundo) que media o grau de liberdade de imprensa, dos 175 países analisados, o Irã ocupou a 172ª posição, demonstrando que a liberdade de expressão para os jornalistas é praticamente inexistente no país. Esse ranking, que foi divulgado em outubro de 2009, também demonstrou algumas das atrocidades cometidas pelo governo contra a liberdade de imprensa, como por exemplo: jornais fiscalizados pelo Estado, existência de censura prévia e automática, maus tratos a jornalistas (interrogatórios sob tortura) e muitos jornalistas foram obrigados a fugirem do país.

A vencedora do Prêmio Nobel da Paz (2003), a iraniana Shirin Ebadi é uma das co-fundadoras de um Centro de Defesa dos Direitos Humanos que funcionava em Teerã. O Centro foi fechado à força, pouco antes de um ato comemorativo do 60º aniversário da Declaração Universal de Direitos Humanos, em 2008. Ainda não se sabe ao certo o motivo da represália, no entanto esse fato demonstra o desrespeito à liberdade de expressão dentro do país. (Anistia Internacional, dezembro de 2008)

A prática religiosa tem sido a mais tolerada dentre todos os direitos legais das minorias religiosas. Eles são permitidos a realizarem seus cultos, cerimônias e seus feriados. Entretanto, o governo deve ser notificado com antecedência sobre as datas exatas de cada um desses eventos e sua importância para a religião. Os textos que são entregues ao público devem se submeter à aprovação do Ministro da Cultura e de um Guia Islâmico. Os textos que não estiverem escritos em persa, devem ser entregues com a cópia original e outra cópia traduzida para o persa. (SANASARIAN, 2000, p.74) O principal alvo das restrições é a Bíblia, que não pode ser importada nem impressa no Irã.

A educação tem sido o assunto mais difícil para as minorias religiosas reconhecidas, apesar das claras garantias constitucionais. Para estes grupos, a educação em escolas de suas respectivas religiões é importante em diversos aspectos, como para o estudo de sua língua, os ensinamentos religiosos, entre outros fatores que os fazem ainda mais ligados a identidade de cada grupo. Ao longo dos anos, pode-se observar que houve mudanças na política, mas não fica claro que fatores ou personalidades pressionaram para que esta mudança ocorresse. Em termos de calendário é possível notar uma correlação entre as tentativas de centralizar o poder do Estado e as tentativas de apertar o controle sobre as minorias religiosas, de forma que o Estado esteja a par de tudo que acontece nas escolas de religiões não muçulmanas.

Três mudanças foram deixando claro, em 1983, que a autonomia das minorias em sua educação estava começando a ser ameaçada pelo novo regime Islâmico, que começou após a Revolução Iraniana em 1979. As três questões inter-relacionadas são: nomeação de diretores, professores e clérigos muçulmanos nas escolas de religiões não muçulmanas; redução de tempo ou eliminação das aulas de línguas que não a persa; interferência direta no ensino da religião

minoritária. Essas questões influenciam diretamente na identidade dos grupos que perdem sua autonomia na forma de educar suas crianças. Enquanto a questão das línguas não interferia em outras religiões como na comunidade zoroastriana e tinha pouco impacto para os judeus, isso representava uma enorme perda para armênios, assírios e caldeus e preservavam seu passado. Para esses grupos cristãos, religião e língua estavam entrelaçados. (SANASARIAN, 2000, p.77) Logo, estes grupos sofreram ameaças existenciais, o que justificaria a securitização.

Todos os aspectos da vida dos membros de religiões minoritárias no Irã são afetados pelas leis teocráticas. No início da República Islâmica, mudanças radicais foram dirigidas a grandes grupos industriais e setores da economia, que envolvia até mesmo questões como o consumo de comida. No caso da Coca-Cola, por exemplo, o proprietário que era armênio, fugiu do país. A fábrica foi confiscada e os trabalhadores armênios demitidos. Após muitos anos, os membros da família foram permitidos de supervisionarem as operações da fábrica. No entanto, a maioria dos produtores eram muçulmanos. Os trabalhadores armênios nunca foram recontratados, pois não muçulmanos não podiam tocar nas garrafas ou em seu conteúdo que poderiam ser consumidos por muçulmanos. (SANASARIAN, 2000, p.8)

Com o passar do tempo, as discriminações foram diminuindo. O ápice das discriminações ocorreu no período em que Irã passava pela transição de um Estado laico para uma República teocrática. O Estado ofereceu para as religiões minoritárias reconhecidas, alguns direitos, como o de terem seu próprio representante no *Majlis*, o parlamento iraniano, liberdade nas suas comunidades e de praticarem sua religião, apesar de muitas restrições ainda fazerem parte de seu cotidiano, os tornando ainda muito subordinados a vontade do Estado.

Atualmente o presidente iraniano demonstra através de seus discursos a vasta história do país, e como sua cultura é rica, em detrimento da cultura Ocidental. Vejamos alguns trechos de um discurso de Ahmadinejad:

“[...] Coming from Iran, the land of glory and beauty, the land of knowledge, culture, wisdom and morality, the cradle of philosophy and mysticism, the land of compassion and light, the land of scientists, scholars, philosophers, masters of

literature and writers, the land of (inaudible), Ferdosi (ph), Haffez (ph), Mulana (ph), (inaudible), Hayyam (ph) and Shariyar (ph).

I represent a great and proud nation that is the founder of human civilization and an inheritor of respected universal values.

I represent a conscious nation which is dedicated to the cause of freedom, peace and compassion; a nation that has experienced the agony and bitter times of the aggressions and imposed wars, and profoundly values the blessings of peace and stability.

I am now here for the eighth time in the eighth year of my service to my noble people; in this august assembly of peoples and brothers from across the world, to show to the world that my noble nation, like its brilliant past, has a global vision and welcomes any effort intended to provide and promote peace and stability and tranquility which can only be realized through harmony, cooperation and joint management of the world.

I am here to voice the divine and humanitarian message of learned men and women of my country, to you and to the whole world, a message that Iran's great orator and poet Saadi, presented to humanity in his eternal (inaudible) poetry. Human beings are members of a whole in creation of one essence and soul. If one member is afflicted with pain, other members uneasily remain. [...]"

"[...]The current abysmal situation of the world and the bitter incidents of history are due mainly to the wrong management of the world and the self-proclaimed centers of power who have entrusted themselves to the devil. The order that is rooted in the anti-human thoughts of slavery and the old and new colonialism are responsible for poverty, corruption, ignorance, and oppression, and discrimination in every corner of the world. [...]" (FOXNEWS, setembro de 2012).

Os dois trechos foram retirados do mesmo discurso, proferido na Assembleia Geral da ONU em setembro de 2012. Eles representam a linha de pensamento do governo iraniano, e como ele se posiciona mediante ao resto do mundo. Esses discursos são importantes a medida que nos mostram a relação frágil entre Irã e o Ocidente. Como os cristãos são considerados uma parte do ocidente que permanece no país, esses discursos indiretamente apontam outra relação delicada, a de cristãos e iranianos.

No primeiro trecho podemos destacar a maneira que o presidente, que tem o papel de agente securitizador apresenta seu país. Ele exalta inúmeras qualidades e chama o Irã de país do conhecimento e sabedoria, entre muitos outros adjetivos. Refere-se ao seu país como uma terra de grandes filósofos, cientistas, escritores, mestres e principalmente como berço da civilização. Ao tentar enumerar as qualidades do Irã, ele tenta convencer a audiência de que sua terra possui incontáveis riquezas. Demonstrando assim que ao contrário do que o Ocidente

tenta estabelecer, o Irã e outros países orientais possuem um passado mais vasto do que muitos ocidentais tentam ignorar.

Em contraposto a um país tão culturalmente desenvolvido como o Irã, segundo o discurso de Ahmadinejad, o outro trecho destacado ressalta a arrogância dos EUA, o maior representante do Ocidente. Com esse pronunciamento o presidente iraniano quer destacar as diferenças abismais que existem entre as duas formas de governo. O Irã representando um governo humanista que preza por questões sociais, enquanto os EUA representam um governo materialista gerador dos principais males que se abatem sobre a comunidade internacional. Seu discurso, estabelece assim que a forma ocidental de governar está equivocada, enquanto o modelo de governo iraniano é um exemplo a ser seguido no mundo.

Há um movimento de securitização. Através do discurso, Ahmadinejad, o agente securitizador, coloca em voga as questões que tornam o Irã tão diferente de seus inimigos ocidentais. E é a partir dessas diferenças que há a construção do “eu” e do “outro” onde o “outro” é sempre perigoso, algo a ser temido. O Ocidente, através do discurso do agente, é construído como inimigo e ameaça. As representações ocidentais dentro do país devem ser combatidas na intenção de proteger a nação iraniana. Dessa forma o Ocidente se torna uma ameaça para a República Islâmica do Irã. O processo de securitização é bem sucedido. A população iraniana também enxerga o Ocidente como uma ameaça.

Tornando o Ocidente uma ameaça, qualquer coisa que esteja ligado a ele também é ameaçador. Os valores ocidentais são considerados uma ameaça a homogeneidade do estado iraniano e conseqüentemente, os cristãos passam a ser discriminados no país, onde são considerados vetores do Ocidente. A ligação do cristianismo com o Ocidente é ponto crucial para compreender porque as minorias cristãs são tratadas de formas distintas do resto dos grupos minoritários no país.

4.4 OS CRISTÃOS NO IRÃ

Os cristãos no Irã são divididos basicamente em três grupos: os armênios, assírios e caldeus. Além de existirem muçulmanos que se converteram ao cristianismo. Porém, não há muito sobre estes, pois muitos vivem em segredo para preservar suas vidas, e de suas famílias, tendo em vista que no Irã a lei da Apostasia vigora hoje.

A história dos armênios é iniciada em tempos pré-históricos, com comunidades que viviam na Anatólia Oriental (que corresponde hoje a porção asiática da Turquia) e nos arredores do Monte Ararat, também na Turquia. Cerca de 500 anos a.C., gregos e persas começam a denominar aquela terra como “Armênia” e seu povo de “armênios”. Em 70 a.C., o Império da Armênia se alargou desde o Mar Cáspio ao Mediterrâneo. A igreja Apostólica Armênia, uma antiga filial do cristianismo oriental, tornou-se a Igreja do Estado Armênio por volta de 314 d.C.. (SANASARIAN, 2000, p.35)

Durante o século XVI a Pérsia e o Império Otomano competiam pelo território Armênio. Durante as três primeiras décadas do século XIX, a Rússia também entrou na disputa. Com um acordo multilateral, Pérsia, a Turquia Otomana e Rússia reformularam a área da Armênia, forçando armênios de algumas áreas a migrarem.

Em 28 de maio de 1918, pela primeira vez em séculos, um Estado independente foi estabelecido. A República Armênia durou dois anos e seu colapso deu por motivos variados, incluindo condições econômicas catastróficas, fome de refugiados da Armênia turca, a confiança em promessas não cumpridas de seus aliados, dentre outros. Enquanto o exército turco tomava grande parte da Armênia Ocidental, o exército vermelho dos bolcheviques ocupava a parte leste, estabelecendo a República Soviética no final do ano de 1920. (SANASARIAN, 2000, p.35)

A ligação cultural entre os armênios e os persas vem desde a época dos zoroastras. Por doze séculos a Armênia esteve sob as regras dos persas de maneira direta ou indireta. Ainda que fosse muito influenciada pelos estes, a Armênia também manteve suas características como nação. Com o tempo, o cristianismo armênio incorporou alguns rituais e parte do vocabulário dos zoroastras. Embora a

presença armênia na Pérsia seja anterior à era Safávida (primeira dinastia Islâmica no Irã), a maior parte da população armênia foi transportada de suas terras ancestrais no século XVII, devido a uma realocação forçada pelo Xá Abbas, o maior da dinastia Safávida. (SANASARIAN, 2000, p.38)

No século XX, já havia um número significativo de comunidades armênias no Irã. Apesar dos armênios se destacarem na Pérsia como artesãos, estavam envolvidos no comércio internacional e eram basicamente integrados à economia moderna iraniana, sem nunca dominar a esfera econômica do país. De maneira similar, seu papel na política se manteve limitado. Entretanto, ainda no período da dinastia Qajar (que governou o país de 1794 a 1925), o Irã enviou embaixadores de origem armênia para a Europa e os armênios desempenharam um papel ativo no Irã, participando de movimentos liberais no início do século XX. (SANASARIAN, 2000, p.38)

O período do governo do Xá Reza Pahlevi foi mais difícil para a comunidade armênia. Apesar dos armênios terem ganhado autonomia religiosa e cultural no seu relacionamento com as comunidades e o direito a um deputado adicional nos *Majlis*, o Xá fechou suas escolas nos anos de 1938-39 e ameaçou sua autonomia interna. Nesta época a mídia, que era controlada pelo governo, propagava acusações e críticas contra o cristianismo, especialmente contra armênios e assírios. Muitas vilas do Azerbaijão possuíam nomes armênios até 1930, quando o Xá transformou-os em nomes persas. Ambas as atitudes, de fechar as escolas das minorias e mudar os nomes de vilas, cidades e ruas, eram parte da política de Pahlevi que visava fortalecer o Estado e diminuir a dependência estrangeira. (SANASARIAN, 2000, p.38)

No governo seguinte, a autonomia dos armênios foi restaurada. Sob o comando do Xá Mohammed Reza Pahlevi, o aparelho do Estado providenciou segurança para as comunidades minoritárias. O governo impediu o exercício arbitrário de poder pelos clérigos locais, assim como seu pai havia feito anteriormente. A política de desenvolvimento econômico, modernização e ocidentalização deram condições socioeconômicas para as minorias, promovendo melhores condições para a vida em comum. No regime autoritário do Xá, os deputados das minorias eram meros figurantes apesar de alguns manterem laços estreitos com a família real e seus amigos. (SANASARIAN, 2000, p.39) Devido

ao desejo de “ocidentalizar” o Irã, Mohammed concedeu às minorias liberdades maiores.

Apesar da relativa liberdade, e da animosidade com os persas, os armênios são conscientes de sua condição marginal no Irã. Eles se preservam fazendo homenagens às lideranças na esperança de receberem em troca sustento e proteção contra os grupos muçulmanos extremistas. Os armênios eram seguramente subordinados e não podiam, nem deveriam se rebelar. Na verdade, eles não tinham motivos para se rebelar, pois possuíam autonomia cultural e respeito relativo no governo de Mohammed Reza Pahlevi.

No período pré Revolução, quando o Irã ainda era governado por Mohammed Reza Pahlevi, podemos perceber que os armênios viviam de maneira pacífica no país. O período mais conturbado tinha sido sob o domínio de Reza Pahlevi, porém, após o fim de seu governo, e nos governos anteriores a ele, os armênios conviviam em perfeita harmonia com os cidadãos iranianos. Eram cidadãos comuns apesar de não fazerem parte da maioria muçulmana. As grandes restrições e perseguições tem início a partir da Revolução Islâmica, e nos seus desdobramentos.

Os armênios são a maior comunidade das minorias cristãs e provavelmente a maior comunidade não-mulçumana no Irã. A maioria dos armênios faz parte da Igreja Apostólica, que possui arquidioceses nas cidades de Teerã, Tabriz e Esfahan. Entretanto, um número pequeno de armênios é protestante ou católico. A população é urbana com poucas vilas ao redor de algumas cidades. A partir da dinastia Pahlevi, os armênios são representados no parlamento por dois deputados, sendo um do norte e outro do sul. Eles são o único grupo não-mulçumano que possui dois representantes no *Majlis*.

Os assírios e os caldeus são os grupos religiosos minoritários mais complexos de serem estudados historicamente. Sua evolução no Oriente Médio Moderno é complicada devido às influências que estes sofrem das potências ocidentais cristãs. (SANASARIAN, 2000, p.40)

A maioria dos cristãos da Mesopotâmia e Pérsia pertencem à Igreja Síria Oriental (conhecida como Igreja Nestoriana), que mais tarde se transformou em dois grupos dominantes: assírios e caldeus (católicos). Aqueles que pertenciam à Igreja Síria Ocidental eram conhecidos como jacobitas, que surgiram na Síria. O cisma entre católicos e protestantes foi um dos muitos conflitos que ocorreram

entre os cristãos do Oriente Médio, assim como já acontecia na Europa. No final do século XIX, os nestorianos se recusavam a serem identificados como católicos e se denominaram assírios. Missionários anglicanos foram os responsáveis por difundir a ideia de que os nestorianos eram descendentes da antiga Assíria. Pontos em comum e a semelhança das línguas, fisionomia e costumes reiteraram a teoria anglicana.

Como a teoria dos anglicanos, existem muitas outras sobre a origem dos assírios. Entretanto, todas essas teorias são confusas e resultam de diferentes premissas a primeira afirma que os assírios são um grupo étnico-nacional e a segunda, que estes são uma comunidade religiosa.

A presença dos assírios no Irã data do primeiro século d.C., embora existam autores que acreditam que essa presença talvez seja ainda mais antiga. Os assírios são divididos em muitas ramificações que incluem a Igreja Nestoriana, as ramificações dos caldeus, a Igreja Ortodoxa da Rússia, Igrejas protestantes e a Igreja Jacobita. Dessa perspectiva, os caldeus são etnicamente assírios que se recusam a desistir do seu nome tradicional. Essas são meras distinções que não possuem impacto sobre a unidade cultural e social da identidade étnica. A igreja católica, entretanto, é maior do que a igreja Nestoriana que possui apenas uma diocese em Teerã, enquanto os católicos possuem três. (SANASARIAN, 2000, p.41)

Não há problema na identificação de membros desses dois grupos (assírios e caldeus). O problema surge quando um desses grupos ganha maior influência política e ofusca a vontade de grupos menores, definindo sua identidade independente da vontade dos mesmos. No Irã há muito mais pessoas que se consideram assírios que caldeus. Se, por exemplo, os caldeus se virem como um grupo étnico separado dos assírios, eles devem pedir para que sua representação no *Majlis* seja separada. Não é coincidência que o deputado assírio/caldeu, na Assembleia que formulou a Constituição do regime Islâmico após a Revolução de 1979, no quesito que tratava do número de representantes de grupos minoritários, tenha se pronunciado pedindo que assírios e caldeus tivessem um deputado por grupo. O pedido foi negado. Assírios e caldeus continuam tendo direito a apenas um lugar no *Majlis*. (SANASARIAN, 2000, p.41)

Os assírios e caldeus são grupos que representam o cristianismo em suas formas mais conhecidas no Ocidente: o catolicismo e o protestantismo. Um de

seus momentos mais difíceis foi durante o governo do Xá Reza Xá Pahlevi. O que mais preocupava o Xá eram as atividades missionárias. Pahlevi se preocupava com o fato de que a influência estrangeira pudesse criar movimentos separatistas entre os assírios do Azerbaijão, similar aos do Iraque. Por essa razão, em 1934, o Xá ordenou que todos os estrangeiros presentes no Azerbaijão deixassem a região. (SANASARIAN, 2000, p.42,43)

O período seguinte ao governo de Reza Pahlevi, foi o do reinado de seu filho o Xá Mohammed Reza Pahlevi, que foi um período de tranquilidade para assírios e caldeus, que estavam em menor número do que no início dos anos 1990. A imprensa iraniana se referia a eles como *Igreja Assíria do Oriente* e *Igreja Católica dos Caldeus*. A população de caldeus do Irã aderiu ao catolicismo e utilizava as línguas árabe e siríaca para suas liturgias. A maior parte dos assírios vive em Teerã. (SANASARIAN, 2000, p.43)

Assim como no caso dos armênios, assírios e caldeus não enfrentavam dificuldades em viver no Irã, exceto no período do governo de Reza Pahlevi. Na época que antecedeu a Revolução assírios e caldeus eram cidadãos iranianos como os outros, apesar de não fazerem parte da maioria muçulmana. A Revolução Islâmica trouxe a clara separação entre cidadãos muçulmanos e cidadão não muçulmanos, que deveriam ser tratados de formas distintas.

A aproximação do cristianismo com o Ocidente pode ser a peça chave para compreender porque os cristãos sofrem diversas restrições no país. A hipótese apresentada por este trabalho é que seria uma tentativa do governo iraniano de afastar a influência ocidental e reforçar a importância de uma cultura baseada nas leis islâmicas. Principalmente se considerarmos o fato dos EUA serem percebidos internacionalmente como um país cristão, afetando ainda mais a percepção de cristianismo para países islâmicos como o Irã. Para isso precisamos adentrar ainda mais nos discursos para descobrir a real motivação do tratamento diferenciado que esse grupo de cristãos recebe. Entre muitas declarações de Ahmadinejad, uma das mais polêmicas, e mais ofensivas aos cristãos foi a seguinte:

"Islam is a universal religion and God has not sent any religion but one. God has never sent any religion called Christianity and Judaism. Abraham was the proclaimer of Islam and so were Moses and Jesus. God has sent only one religion, and that is Islam. Our dear prophet belongs to the whole world and he is the last of all prophets. He is also the prophet of Americans, Europeans and

Asians. He is the prophet of Buddhists and has come to save all" (Mohabat News, julho de 2012)⁴

Neste trecho destacado, o presidente iraniano faz uma declaração polêmica ao dizer que nem o cristianismo nem o judaísmo foram religiões enviadas por Deus. Ahmadinejad afirma que o Islã é uma religião universal e é a única que Deus enviou, por isso é a única verdadeira. Diz que Abraão, Moisés e Jesus foram proclamadores do Islã, se referindo aos principais personagens para judeus e cristãos. Afirmarções como essas abrem uma série de questões, inclusive que a hipótese levantada pode não ser verdadeira. Nesse discurso fica explícito que a questão da religião pode ser tão importante quanto a proximidade com o Ocidente. Ou seja, os cristãos não seriam discriminados apenas por serem um expoente do Ocidente, mas também por serem parte de uma religião que não foi enviada por Deus.

Neste trecho também destacamos o movimento de tornar cristãos e judeus em ameaça. A audiência que é a população islâmica, ouve o agente securitizador afirmar que estas religiões não foram enviadas por Deus, e que devem ser rejeitadas. Dessa forma, uma falsa religião é uma ameaça para a verdadeira religião que serve de base para as leis do país. O cristianismo, logo, é visto como uma ameaça a República Islâmica do Irã, apontando o sucesso do processo de securitização.

Ao afirmar que apenas o Islã é a religião enviada por Deus, o agente securitizador, Ahmadinejad, convence a audiência que não há legitimidade em nenhuma outra religião. A população aceita esse discurso, tornando o cristianismo uma ameaça ao Islã. O cristianismo é então uma religião falsa, com preceitos ocidentais dentro de um país islâmico que luta contra as influências ocidentais. Dessa forma, o processo de securitização é de fato bem sucedido, a medida que a audiência aceita o discurso e acredita que o cristianismo é uma ameaça a homogeneidade do governo islâmico do Irã.

⁴ Discurso proferido pelo presidente iraniano na Conferência Mulheres e o Despertar Islâmico, em Teerã em Julho de 2012.

4.4.1 Atividades Missionárias

O cristianismo no Irã está presente antes mesmo da Era Islâmica datada em 171 A.C. Nesta época foram fundadas diversas dioceses e a Igreja Persa estava envolvida em proselitismo fora da Pérsia, incluindo China e Índia. Durante o regime Islâmico, diversos grupos cristãos moravam na Pérsia. Grupos de várias ordens religiosas da Igreja Católica Romana foram enviados para a Pérsia durante o reinado do Xá Abbas. Vai ser apenas no século XIX que franceses católicos romanos e protestantes chegaram ao Irã. No Irã, há pequenas disputas entre armênios iranianos e a Igreja Católica Romana desde 1700. Isso demonstra que o cristianismo não é uma religião única e possui divergências entre si. (SANASARIAN, 2000, p.43)

Grande parte do atrativo das atividades missionárias eram suas escolas e hospitais. O regime de Pahlevi começou a limitar as atividades missionárias no Irã. Em 1931, o evangelismo nas aldeias foi proibido e no ano seguinte persas de qualquer religião foram proibidos de participarem dos colégios missionários. Além da proibição, o aumento do número de escolas para meninos e meninas durante o regime do Xá nos anos 1930, fez com que o interesse nas atividades da educação missionária caísse. (SANASARIAN, 2000, p.44)

O ponto-chave é que os trabalhos missionários e a penetração estrangeira andavam lado a lado, visto que os missionários vinham de outros países e eram financiados por recursos estrangeiros. Isso ficou evidente quando o Hospital Cristão, gerido pela Sociedade Missionária da Igreja Anglicana, foi fechado na cidade de Esfahan em 1951. A ordem de mantê-lo fechado só foi revertida após a queda do governo de Mossadegh. No entanto, refletindo sobre o evento, décadas mais tarde, o Bispo Dehqani Tafti, um dos grandes sacerdotes anglicanos, queria saber se sua igreja teria melhor desempenho se tivesse nacionalizado o hospital, reduzindo assim a grande carga administrativa que ficava por conta da igreja. Ele atesta que durante alguns anos da década de 1950, sua igreja foi vigiada de perto pela polícia secreta do regime do Xá, a SAVAK, bem como por grupos Islâmicos. O bispo afirmava que mesmo com os atos de vigilância sobre a igreja, não havia nenhum tipo de proteção do governo, pois o ato de vigilância era apenas para

controlar suas atividades. Para este Bispo e os membros de sua igreja, o regime do Xá é comparado a uma ditadura. (SANASARIAN, 2000, p.44)

É difícil obter números precisos quanto a quantidade de protestantes (de todas as denominações) e de católicos no Irã. A complexidade da questão envolve a mistura da identidade étnica com afiliação religiosa, bem como o número de conversões de muçulmanos para o cristianismo. Segundo Sanasarian, autor do livro “Religious Minorities in Iran”, há uma fonte que afirma que as igrejas protestantes juntas acreditam ter cerca de 15000 cristãos de etnia iraniana. A inclusão da etnia nessa contabilidade é importante para esconder o verdadeiro número de quantos muçulmanos se converteram ao cristianismo e, por outro lado, infla o número de cristãos. O fato é que protestantes étnicos mantiveram suas identidades étnicas, enquanto muçulmanos convertidos referem-se a si mesmos como cristãos.

A partir desse ponto, podemos perceber que em todos os momentos onde houve perseguição a minorias cristãs no país, essa perseguição tinha motivações políticas. Ou seja, mesmo no período antes da revolução, cristãos foram perseguidos por serem considerados um expoente do Ocidente, principalmente quando surgiram as atividades missionárias. E mesmo após a revolução, os motivos políticos permanecem, de manter o país unificado através do nacionalismo. A diferença entre a perseguição no período do Xá e no período pós revolução é que o nacionalismo no primeiro momento não está baseado na religião islâmica e sim nos costumes da antiga Pérsia, enquanto no segundo sim. Logo, o que tornou os cristãos uma ameaça no período do Xá, é o mesmo que faz desse grupo uma ameaça hoje, é a presença do mundo ocidental dentro do Irã.

A relação do Irã com o Ocidente pode ser considerada uma relação frágil sujeita a constantes alterações de acordo com acontecimentos ao longo do tempo. Noticiários iranianos e seus líderes, como o presidente do país, Mahmoud Ahmadinejad, fazem declarações que evidenciam um tom não muito amistoso ao se tratar de países ocidentais, em especial os EUA. Em 2011, quando os ataques de 11/09 completavam onze anos, um jornal iraniano publicou que os EUA estavam em uma luta contra o Islã e não contra o terrorismo:

"What has happened afterwards, was another evidence of the suspicious nature of the 9/11 scenario showing that Washington used the scenario to wage a war against Islam. A scenario which was made by the US and Zionists [...] During the past 11 years, US has, increasingly, tightened security measures inside the country under the pretext of patriotism while its real objective was to further limit Muslims rights". (IRNA, setembro de 2012)⁵

Neste pequeno trecho destacado podemos perceber que a percepção iraniana, diante das ações norte-americanas não poderia ser mais negativa. Há uma denúncia, de que o desejo dos EUA é limitar os direitos dos muçulmanos, assim como lutar contra o Islã. Dessa forma, por ser uma República Islâmica o Irã, automaticamente se torna um dos alvos da política norte-americana contra o mundo islâmico. A complexidade aumenta com o fato de que os iranianos colocam os EUA como modelo ocidental, dificultando suas relações com o resto do Ocidente.

Neste caso, sob a ótica dos estudos de securitização da Escola de Copenhague, podemos identificar Ahmadinejad como o agente securitizador. Em seu discurso ele tenta convencer a audiência, que neste caso específico vai além da população iraniana e se estende aos países não ocidentais, de que o Ocidente é uma ameaça. Por identificar um constante ataque dos países ocidentais aos países muçulmanos, a relação entre Irã e Ocidente torna-se cada vez mais complexa e com uma grande carga de rancores.

Ahadinejad é claro ao dizer que os EUA querem travar uma guerra contra o Islã. O Islã é o objeto referente aqui. Ele está sendo ameaçado por uma grande potencia ocidental. O processo de securitização foi bem sucedido, ao passo que vemos países islâmicos estarem plenamente de acordo com essa afirmação. A audiência então aceitou o discurso do agente securitizador.

Porém é necessário evidenciar que esse clima de inimizade é recíproco. O presidente iraniano possui uma característica mais agressiva em seus discursos, mas as atitudes do governo norte-americano também não representam uma tentativa de construir uma relação mais amigável. A delegação dos EUA costuma deixar as reuniões da ONU quando Ahmadinejad faz um pronunciamento. Na 65

⁵ No trecho podemos ver o que foi publicado no jornal de língua persa Hemayat, que foi reproduzido pela página do IRNA (Islamic Republic News Agency) um jornal também iraniano que possui página na web em inglês.

Assembleia Geral da ONU em setembro de 2011, não foi diferente. Vejamos alguns dos trechos do discurso do líder iraniano:

“[...] Caros colegas e amigos,
 Não lhes parece que as causas-raízes desses problemas devam ser procuradas na ordem que hoje domina o mundo, ou no modo como o mundo é governado?
 Gostaria de chamar a gentil e atenta atenção de todos para as seguintes questões:
 - *Quem arrancou à força dezenas de milhões de pessoas de seus lares na África e em outras regiões do mundo, durante o sombrio período da escravidão, fazendo daquelas pessoas vítimas da mais cega ganância materialista?*
 - *Quem impôs o colonialismo por mais de quatro séculos, a todo aquele mundo? Quem ocupou terras e massivamente assaltou recursos naturais que eram patrimônio de outros povos, quem destruiu talentos e empurrou para a destruição os idiomas, as culturas e as identidades de tantos povos?*
 - *Quem deflagrou a primeira e a segunda guerras mundiais, que fizeram 70 milhões de mortos e centenas de milhões de feridos, de mutilados e de sem-tetos?*
 - *Quem criou a guerra na península da Coreia e no Vietnã?*
 - *Quem, servindo-se de hipocrisia e ardis, impôs os sionistas, durante 60 anos de guerras, destruição, terror, assassinatos em massa, na região do mundo onde ainda estão? [...]*
 - *Quem domina o Conselho de Segurança da ONU, ao qual caberia zelar pela segurança internacional?*
 E há outras dezenas de perguntas semelhantes e, para todas elas, as respostas são claras. [...]” (Discurso Ahmadinejad na ONU, setembro de 2011)

Além do presidente Ahmadinejad, o Aiatolá Khamenei também fez um discurso que destaca a opinião que o país tem sobre os EUA:

“[...] E é essa verdade comum e universal que pode oferecer os fundamentos da irmandade e da cooperação fraterna entre nações e povos que pouco ou nada tenham de semelhança entre eles, em termos de estruturas externas, passado histórico ou localização geográfica.
 Sempre que a cooperação internacional for baseada nesse tipo de fundamento, os governos poderão construir relações entre eles, não baseadas no medo, nem construídas sob ameaças, ou por ganância, ou baseadas na disputa entre interesses unilaterais, ou que brotam da mediação de indivíduos traiçoeiros e venais, mas baseadas em interesses partilhados entre todos e – *mais importante* – que visam a atender a interesses de toda a humanidade. Assim, os governantes podem dar paz às próprias consciências despertas e alargadas e podem garantir paz também à consciência dos seus povos.
 Essa ordem baseada em valores é o exato oposto da ordem baseada na força hegemônica, que tem sido ostentada, propagandeada e capitaneada pelas potências ocidentais nos últimos séculos; e pelo governo agressivo e autoritário dos EUA, hoje.[...]” (Discurso Khamenei, setembro de 2012)⁶

⁶ Discurso feito pelo Aiatolá Khamenei na Conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados em Setembro de 2012.

Para todas as questões levantadas no discurso de Ahmadinejad, fica claro que a resposta implícita seria os Estados Unidos da América. O presidente iraniano ainda afirma que os EUA não se preocupam com valores e instintos humanos básicos, mas apenas com o poder, e dessa forma justificam todo e qualquer ato para conseguir seus objetivos. O discurso de Khamenei é mais explícito, mas de maneira diferente, ressalta a mesma questão: que o estilo de governo norte-americano é não medir esforços para alcançar seus objetivos, mesmo que isso possa ser prejudicial a outros países. E nesta questão se encontra o cerne da diferença que o Irã faz entre os países Islâmicos e os países ocidentais, que é tão importante a ponto de torna-los inimigos.

Para os líderes iranianos, governos ocidentais como o norte-americano estão sempre em busca de ter vantagens, independente das consequências. É dessa forma que o estilo de governar ocidental é visto pelos iranianos, o que os distancia ainda mais. Os EUA buscam seus interesses, mesmo que isso signifique ignorar as mazelas humanas, enquanto para Ahmadinejad e Khamenei, o importante era buscar formas de ajudar os países que necessitam. O governo “autoritário” dos EUA representam o estilo de governo que os iranianos desejam se distanciar.

Essa é a representação do Ocidente para os dirigentes em questão, representando pelos EUA, um governo egoísta, autoritário que nunca considera as muitas diferenças culturais inerentes a cada país. Por esta razão, os dois discursos vem carregados de críticas, e tentam convencer a audiência de que o ocidente é um modelo oposto, que não deve ser seguido. Por esta razão os líderes do Irã tentam cada vez mais afastar influências ocidentais de dentro do país. Os grupos cristãos, são diretamente relacionados ao ocidente, e por isso são vistos como ameaças.

Mais uma vez podemos identificar Ahmadinejad como agente securitizador no primeiro trecho, e Khamenei no segundo. Porém nestes dois trechos os agentes securitizadores tentam convencer a audiência de que os Estados Unidos seriam uma ameaça. O Ocidente aqui abre espaço para seu maior representante. A população iraniana aceita esses discursos, tornando os EUA uma ameaça para o Irã. Os países não alinhados, para os quais Khamenei discursa também aceitam o discurso do Aiatolá iraniano. O discurso é aceito pela

audiência. Ou seja, tanto a população iraniana, quanto os países orientais acreditam que o EUA representa uma ameaça em sua representação do Ocidente. O processo de securitização é bem sucedido.

Dessa forma, ao enxergar o Ocidente como uma ameaça, as minorias cristãs conseqüentemente também são. Elas possuem valores que são equiparados aos ocidentais, e representam o Ocidente dentro do território iraniano. Dessa maneira, essa minorias são consideradas ameaças ao regime islâmico do país.

No Irã existem algumas minorias religiosas não muçulmanas. Zoroastras, Armênios, Caldeus, Assírios, Judeus e Baha'is. Dentre estas minorias os cristãos representam o grupo que mais se aproxima com o Ocidente. Eles ainda estão divididos em dois grupos: os grupos étnicos que são os armênios, assírios e caldeus; e os convertidos. O último grupo é o mais difícil de ser estudo, pois no Irã a conversão de um muçulmano ao cristianismo é crime de Apostasia, podendo gerar inclusive pena de morte, como foi amplamente divulgado nas mídias no caso do Pastor iraniano Yousef Nadarkhani que obteve essa sentença.